



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

28 de Fevereiro de 2000 • Ano LVI - N.º 1460
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Uma carta inédita do Padre Américo

AO percorrer os *dossiers* do Arquivo do Colégio, que está celebrando o seu Centenário, apareceu também um envelope com diversos papéis da Obra da Rua do Padre Américo. Aí encontra-se uma carta sua, «o mendigo», que a seguir se transcreve e que bem reflecte o seu estilo; e que poderá ter interesse divulgar, até porque se aproxima a data (18 de Fevereiro) em que ele a escreveu há 49 anos.

Em 1951 o Padre Américo recebeu um convite para uma Reunião em Roma, promovida pelo *Comité Catholique de Coordination près de l'UNESCO*, em colaboração com o *Bureau Intern. Cath. de l'Enfance* e o *Ufficio Intern. della Gioventù Cattolica*, com o objectivo de estudarem o problema das casas de reeducação dos rapazes abandonados ou marginalizados. A carta tinha a data de 8 de Fevereiro e vinha assinada pelo Padre António Rivolta. Em nota autógrafa, o Padre Américo escreveu: *Padre Adriano, envia a tempo de se responder. Olha que é já no fim deste mês.*

A resposta do Padre Américo tem a data de 18 de Fevereiro de 1951. Pede ao Reitor

do Colégio, Mons. Joaquim Carreira, que o represente. Na carta, escrita à máquina, Padre Américo acrescentou à mão aquilo que vem transcrito em itálico. No «pacote» a que se refere, vinham várias fotos com notas autógrafas no verso e o opúsculo *Do Fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros, 1950*. Os apontamentos e notas do Reitor do Colégio confirmam, de facto, a sua participação nessa reunião.

A. Pinto Cardoso

«Paço de Sousa, Portugal, 18 de Fevereiro de 1951

Meu Ex.mo Amigo e Senhor Reitor do Colégio Português

Roma

Desculpe-me que o importune, mas não sei de mais ninguém. Pela presente correspondência, verá do que se trata. Aviso hoje o Padre Rivolta de que estou escrevendo a V. Rev.ª para me representar. Segue, registado, um pacote com fotos, etc. De resto,

Continua na página 4

CALVÁRIO

O dom da Sabedoria

TRAZIDAS pela brisa da curiosidade, diversas senhoras apareceram ultimamente com a intenção de experimentar a nossa vida. Nenhuma se prendeu. Nenhuma mergulhou e se deixou afogar neste viver. A estadia foi breve e ninguém deu a entender o que sentiu. Mas no receio, no engano, na desilusão encontramos certamente a resposta.

Continua a valer-nos a extrema boa vontade de quem, já tendo muito que fazer no seu lar, ainda arranja tempo para estar connosco umas horas e remediar a situação, apoiando quem aqui labuta. No entanto, as peças do motor que faz andar esta nau são os doentes mais válidos que permanecem em entreatada fraterna sem quebra de ânimo. Esta vida, que confunde os mais fortes, é, na verdade, uma odisséia.

Embora não se tendo pronunciado sobre o que viu, uma das senhoras passantes desabafou ao partir:

— Como cristã gosto de conhecer o que se vai realizando no campo da solidariedade (laica palavra hoje

tão em moda) *junto das crianças, dos jovens, dos idosos. Esta foi mais uma experiência. Agora ficar aqui sempre, não. Tirei um curso que me valoriza e com o qual me realizo. Se ficasse a tratar doentes traía-me deitando por terra a valorização adquirida.*

E, depois duma olhadela para o que os outros fazem, partiu com a sua importância mais enriquecida.

A sabedoria humana é calculista, convencida, terrena.

Verificar que, apesar de se ser profissional com provas dadas, acréscimo de saber é até por isso mesmo,



Miranda do Corvo: Alegria estampada no rosto!

TRIBUNA DE COIMBRA

Compete-nos semear

ALGUÉM, depois de uma curta visita a nossa Casa, desabafa: «Há, aqui, qualquer coisa de diferente...» Depois, conclui: «Sabe, eu conheci o Padre Américo...» Não fiquei surpreendido. Entretanto, mer-

gulho em nossa vida diária e procuro também descobrir os sinais da diferença.

A história pessoal e familiar da maior parte dos nossos é um drama urdido pela dor e pelo sofrimento. A evolução lenta de cada um, entre nós; as dificuldades

experimentadas durante o percurso escolar; a abertura confiante à reciprocidade, aos outros e a Deus; as incertezas e vertigens enredando os mais incautos nas suas malhas...

Quando chego ao fim: — Onde está a diferença? Precisamente aí: no coração! Foi lá, no fundo de si mesma, que a nossa Amiga encontrou a diferença. A pureza dos olhos que anda de mãos dadas à do coração, transporta-nos ao invisível. Esse «invisível» é a acção de Deus no coração de cada um dos nossos e em nós. Trabalho árduo, escondido, cujos frutos aparecem quando Deus quer. Mas aparecem! A nós compete-nos semear. Na tarefa da educação da juventude esta vertente espiritual anda descuidada. Há uma preocupação exagerada pela técnica em detrimento da parte afectiva e, principalmente, espiritual. Padre Américo, na sua experiência de educador, caldeada no caminho dos Pobres e na sua grande experiência de Deus, deixou escrito: «Quem não sabe ajoelhar não sabe educar». Quem nera a nossa visitante o tenha percebido, pelo que viu.

Padre João

se podem deixar as redes, a pesca e o fruto desta para uma entrega aos mais fracos; aceitar que, com aquele capital todo, se pode estar ao lado dum doente pobre que não tem amigos, duma

Continua na página 3

O nosso «Depósito» no Porto

QUANDO aqui exprimimos a nossa dor pelo encerramento do Espelho da Moda e a nossa preocupação pelo desaparecimento de um lugar de encontro tão rico de intimidade e de tradição entre o Povo do Porto e a Obra da Rua — estava implícito o apelo a uma substituição e viva a esperança de que alguém se apresentaria para a assumir. Porém, a nossa expectativa foi excedida pelo imediato da resposta e pelo calor com que nos chegou. Entre o poisar os olhos na notícia e o pegar no telefone a anunciar-nos a disponibilidade não houve pausa. E a alegria de lhe ser dada tal oportunidade vibrava na voz daquela velha Amiga e Leitora do «Famoso».

Como Deus é bom e confirma a Sua presença àqueles que em mais ninguém confiam senão n'Ele! E n'Ele e por Ele, sim, põem a sua confiança no homem que está atento às moções de Deus e Lhe presta o ser para a encarnação da Sua Providência. A Obra da Rua está cheia de episódios desta espécie. E vive tão dentro do coração do Povo porque é evidência desta mesma realidade: Deus Bom fez o homem bom. Por muita maldade de que às vezes é capaz, nunca falece nele, definitivamente, o gosto de ser bom. E nós dependemos, exactamente, da Bondade de Deus ministrada por uma multidão que O escuta e

Continua na página 3

P.º José Maria de Vendas Novas

PARA os Padres da Rua o Cónego José Maria Dias era o Padre José Maria de Vendas Novas. Nome e título que comunitariamente o identificava.

Seguidor atento da paixão do Padre Américo por Jesus Cristo e pela forma de O fazer chegar aos corações mais empedernidos, este sacerdote fez-se leitor do jornal O GAIATO desde o primeiro anúncio — era o assinante n.º 2.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres» imperava o Fundador da Obra da Rua no auge da sua pregação quando o Pároco de Vendas Novas iniciava a sua missão naquela Vila alentejana.

Antes de outras grandes iniciativas paroquiais, começou o Padre José Maria por visitar os mais pobres, doer-se deles e fazer uma campanha que terminou com a entrega de muitas casas, gratuitamente, a famílias incapazes de fazerem o seu ninho.

Foi o primeiro sinal de que Jesus estava a chegar em corpo, alma e divindade ao meio do Seu povo. Argumento irrefutável e avassalador. Perante uma pregação feita de obras assim manifestadas, todo o homem é obrigado a curvar-se.

O Padre Américo várias vezes esteve, com ele, na inauguração e entrega de casas do Património dos

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Pertence a uma família numerosa. Andou, por lá, alguns anos. Casou e desfez o casamento, regressando à pátria de bolsos vazios. Uma irmã viu-se forçada a dar-lhe guarida. A outro irmão, também. Este, porém, incompatibilizou-se com eles e abalou para a cidade.

No entanto, o primeiro, vítima de «acidente vascular cerebral», foi internado no hospital, em mau estado. Nestas circunstâncias, os hospitais civis — ainda hoje sem os «pequenos Calvários» que Pai Américo sugeriu na década de 50! — procuram ver-se livres de pesos mortos, cumprindo às assistentes sociais dar-lhes encaminhamento quando a família evite tomar conta deles.

No caso vertente, houve que dar uma volta para responsabilizar os parentes. O homem não acabará desamparado, como acontece a outros — sem epítáfio na Imprensa. Estamos a suprir o necessário, por conta dos nossos Leitores: remédios, roupa, fraldas..., alimentação adequada, etc.

De outra assistente conseguimos a organização dum processo com vista a benefícios da Segurança Social que a lei prevê nestas circunstâncias. Respondemos a vários quesitos: documentação pessoal, declaração médica sobre a doença do beneficiário, notas de gastos na farmácia e de consumo de luz, mercearia e gás.

No mundo dos idosos — que sobe em espiral — os problemas desta ordem surgem cada vez mais, infelizmente. Não há muito tempo, uma anciã com idêntica patologia, sobreviveu nove anos ao cuidado das vicentinas, que se organizaram em função das carências da doente — abandonada pela família. E levaram a cruz da velhinha até ao fim. Tantas situações semelhantes pelo País fora! Deus sabe.

PARTILHA — Mem Martins: Uma devota d'O GAIATO, assinante 11531, destina *alguma parte, dos dez mil por mim enviados, para a Conferência Vicentina do Santíssimo Nome de Jesus*.

Porto: Dois mil, do assinante 18913, que *pede desculpa por continuar a ser tão pouco, mas com o avançar da idade, isto cada vez é mais difícil. O Senhor Deus está connosco e a Ele vamos dando muitas graças*.

Lisboa: Assinante 26108 com cheque de vinte mil. *O restante — sublinha — para o que for mais necessário, que é sempre tanto! Bem gostaria de poder ajudar mais, todavia muitas migalhas fazem pão — não é verdade?*

Vancouver (Canada): A assinante 32217 presente com o habitual donativo, *que só*

agora foi possível enviar para ser repartido por vós, aos Pobres. Sabeis como e a quem.

Vila Nova de Gaia: Pondo em dia a assinatura 10701, esta nossa assinante reserva *«o remanescente para a Conferência — pequena ajuda para os vossos Pobres. Deus vos ajude»* — acentua.

Portalegre — coração do Alto Alentejo: Cinco mil, da assinante 2689. *«Esta migalha lá irá cair. É pouquinho, porque a doença, a fome, a guerra atravessa todo o mundo e temos de partilhar com outros irmãos que choram ainda mais as suas próprias amarguras»*.

Amadora: Pequena peça de artesanato, da assinante 22616. Supomos que feita por suas próprias mãos. Que bem!

Senhora da Hora: O habitual cheque da assinante 57002, *«pequena oferta do mês de Janeiro, que poderão distribuir como melhor entenderem. Está muito frio e as contas da farmácia terão aumentado, além de muitas outras carências que é necessário minorar. A minha pequena oferta, dada com muito amor, possa aliviar o sofrimento de alguma família mais pobre»*.

Lisboa: Mais um cheque, da assinante 31104, e o renascimento dum voto — *«Enquanto na minha vida puder, sempre procurarei não esquecer os que sofrem»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, alc do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa*.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CARAS NOVAS — No mês de Fevereiro, em curso, chegaram mais quatro novos gaiatos: o Joel, com dez anos, e o Cristiano, seu irmão, com oito; mais o Luís, de oito, e o Márcio de seis.

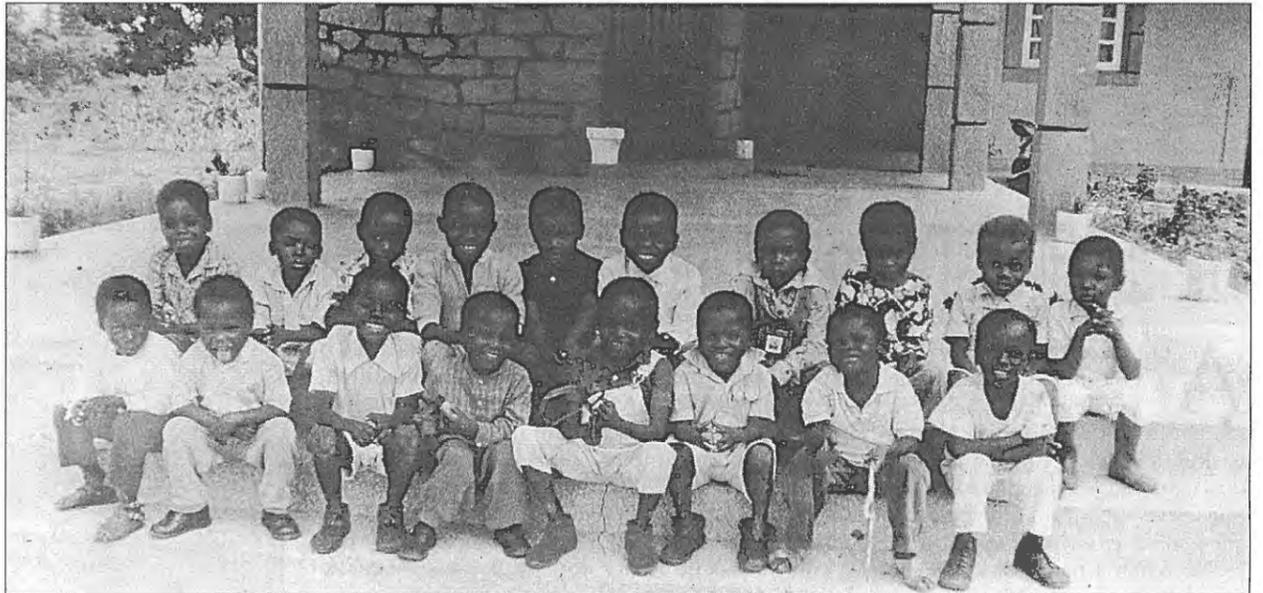
Esperamos que todos eles gostem da nossa grande Família.

MÚSICA — Recomeçaram os ensaios de Canto Gregoriano. Para além dos rapazes que já estavam no grupo, entraram mais dez; e são, agora, trinta.

Tudo tem corrido bem, graças à professora Ana (Venezuelana).

Agora, um pedido: Os leitores que tenham *cassetes* de música encostadas, e não as queiram, façam o favor de nos-las oferecer. Assim como outros objectos, ou instrumentos musicais, para o nosso grupo de festas.

EXPEDIÇÃO D'O GAIATO — Tem andado muito atrasada por causa da máquina de endereçar e plastificar. Com o novo sistema que lhe foi acochado, é de crer que dará melhor rendimento. Por ela, passam mais de cinquenta mil jornais, quinzenalmente!



Os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Malanje, num dia de festa.

FUGAS — Neste princípio de ano tem sido uma desgraça! O «Pauliteiro» e o «Orelhas» fugiram, mas já regressaram. É de crer que não tomem a fugir...

MEDICINA DENTÁRIA — A Faculdade de Medicina Dentária do Porto deu a oportunidade de tratarmos os nossos dentes de borla, graças à generosidade dos seus Professores e Alunos. Quase todos temos os dentes como novos! Muito obrigado.

«Melão»

TOJAL

CAPOEIRAS — Finalmente estão concluídas, já lá se encontram algumas aves, tais como: Pombos, periquitos e galinhas. Muitas mais lá queremos ter, mas irão aparecendo com o tempo.

GADO — O nosso rebanho tem crescido a olhos vistos. Nestes últimos tempos deram à luz mais três ovelhas. Apesar de grande e bonito, do nosso rebanho fazem parte algumas ovelhas doentes, mas já estão a ser tratadas.

MÚSICA — Finalmente, reunimos as condições necessárias para formarmos um grupo de músicos em nossa Casa. Um dos elementos necessários já arranjámos, por fim: um professor de música.

FESTAS — Primeiro as ideias, depois mãos à obra. Já se iniciaram os ensaios para a grande digressão que se aproxima a passos largos.

CARAS NOVAS — Ultimamente temos recebido muitos rapazes. Eis os últimos: Márcio Morais, de dez anos; Celso Morais, de nove anos; e Luís Filipe Marques, de catorze anos.

Só esperamos que esta nossa Casa seja o caminho certo das suas vidas.

Arnaldo e Emanuel Santos

SETÚBAL

INDIGNAÇÃO — Causa-nos uma certa indignação ver os jornais falar de Casas do Gaiato como uma qualquer Casa de rapazes. Para os jornalistas menos preparados e mais atrevidos qualquer Casa de rapazes é logo Casa do Gaiato! Meus, senhores, tenham atenção: Em Portugal só há Casas do Gaiato em Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto. E só o Porto é que tem duas.

TABACO — São poucos os rapazes que se deixam atrair pelo tabaco, mas há alguns bem pegadinhos ao fumo.

O abono quase sempre é gasto em cigarros.

O «Lota» mandou o «Lagarto» comprar um maço a Algeruz durante o trabalho. «Bita» apanhou o Nuno e tirou-lhe o maço para o entregar ao Padre Acílio, pois na hora de trabalho não é tempo dado à saída de Casa. Mais

ainda: se «Lota» quer tabaco que o vá comprar. Não mande gente mais nova comprar coisas para satisfazer os seus vícios.

O mal dá sempre mal. «Lagarto» foi vingar-se do «Bita» e com uma pedra destruiu o vidro pára-brisas do tractor. Uma acção muito feia que o autor não quis assumir.

ESTUDANTES — A vida dos rapazes que estudam em Setúbal não anda bem e o Padre Acílio sofre muito com isso. Notas fracas. Faltas às aulas. Queixas dos Directores de Turma. Uma grande tristeza!... Vejam lá, rapazes. Puxem pelo vosso brio! Não se meçam pelos piores, mas pelos melhores das turmas. Gente que faz figura com o mal há muita. Gente que se nota pelo apurmo, pelo estudo, boas maneiras e boas notas há pouca! Mas são esses que vencem na vida!...

CARTA DE CONDUÇÃO — Hélder Franco já fez exame e ficou bem. Foi uma alegria

para todos. Agora, já temos mais um motorista. O Hélder anda a levantar as notas do 12.º ano para entrar no Ensino Superior. Já tem levado, de manhã, os rapazes das oficinas, que vão diariamente para a Cidade.

HORTA — A nossa horta está um mimo! Favas e ervilhas já em flor! Algumas ainda pequenas, mas muito viçosas. As batatas a nascer. Nabos, couves, grelos com fartura, são uma delícia para a sopa.

Na horta não usamos pesticidas. Quando as lagartas atacam, lá vão os «Batatinhas» tirá-las das folhas das couves, cada um com a sua lata. É um serviço que os pequeninos gostam de fazer.

FUTEBOL — Tivemos connosco os nossos irmãos de Paço de Sousa. Vieram de autocarro, conduzidos por um gaiato mais velho. Fez-nos inveja o transporte.

Comeram connosco, viram a nossa Casa e as oficinas na Cidade e jogaram uma partida de futebol.

O jogo correu bem, com muita garra de parte a parte e sem violência. Nada de sarrafões. Ganhámos por 2-1.

Repórter Zero

RETALHOS DE VIDA

«Macieira»

Entre a nossa malta sou o «Macieira». O meu nome de Baptismo é Hugo Manuel Gomes Marcelino. Nasci em 26 de Dezembro de 1984,

na freguesia de Montelavar, do concelho de Sintra. Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 9 de Dezembro de 1994, porque a minha família não tinha condições para cuidar de mim. Tenho outro irmão na Casa do Gaiato, também. E mais dois que andam por lá.

Frequento a quarta classe da Escola Primária e, à tarde, dou uma ajuda na expedição do nosso Jornal O GAIATO.

Hugo Marcelino



Prefiro

*Prefiro ser uma tela
Com uma pintura abstracta
Do que ser uma parede
Que divide e mata.*

*Prefiro ser um rio
Que corre para longe
Do que ser uma ponte
De passagem do inimigo.*

*Prefiro ser a lua-cheia
Que dá brilho à noite inteira
Do que ser homem sem harmonia
Ou uma floresta sem vida.*

*Prefiro navegar aqui e além!
Prefiro ser Alguém
Para viver
E que dispensa morrer!*

Manuel Amândio

O nosso «Depósito» no Porto

Continuação da página 1

responde aos Seus desafios — que O retrata. Na ordem do dar é assim. Quem dera fosse com correspondente frequência na ordem do dar-se!

O «Depósito» não chegou, pois, a ser problema. Nem acabou; apenas se transferiu! Naquela tarde de 31 de Janeiro, quando fui buscar os livros de recibo, testemunhei que o «negócio» do Espelho da Moda naquele derradeiro dia tinha sido O GAIATO, procurado ali por muitos inquietos «do onde será depois...?» — e continuou até ao fechar da porta. Assim fosse tão rápida quanto esta mudança, a revitalização da Baixa Portuense prometida há muito pela Autarquia e agora repetida pelo faladíssimo Porto 2001, que oxalá chegue a fazer alguma coisa de jeito! Mas, por ora,

não se vêem sinais de mudança nesta tendência de concentrar Empresas em dimensões colossais que esmagam quanto é pequeno e médio e apagam nomes que foram referência e fizeram história, substituindo-os por grupos. Aonde chegará a desumanização do nosso mundo, até que parta a cabeça em qualquer muralha que ele mesmo construiu e encete a marcha atrás?!

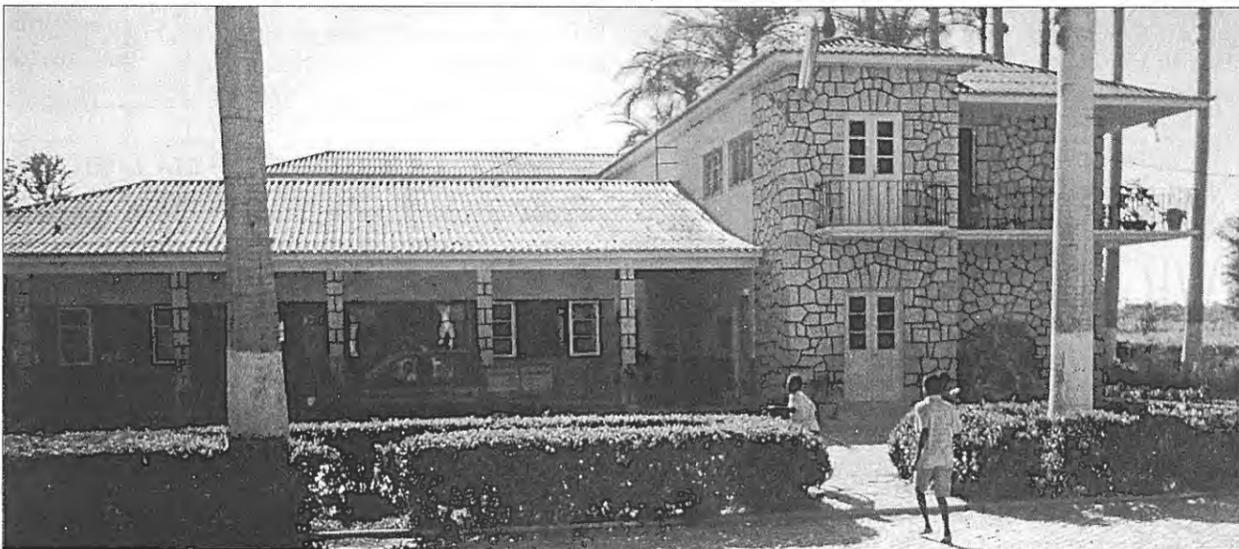
Aquele 31 de Janeiro deixou-me marcado. Da morte nos Clérigos subi a nova vida no número 100 da Rua da Conceição. Afinal esta loja da CASA DINA é a mais janota de três, que a metros de distância, outras duas há mais tempo existem no início da R. Mártires da Liberdade, naquele largo chamado de Alberto Pimentel, difícil de definir porque na verdade resulta da confluência de velhas Ruas e da Travessa de Cedofeita, estas sim com nome feito no

velho burgo. Portanto, ninguém se vai perder na procura do novo «Depósito», que a CASA DINA tem ali forte implantação e quem quer dá com ela. De resto, assim aconteceu na primeira semana desta nova actividade, pois já de lá trouxe um razoável pacote de presenças da «gente solidária do Porto» como se lê em crónica do «Grande Porto», no Jornal de Notícias deste domingo em que estou escrevendo.

Graças a Deus, porque posso corrigir o articulista (e ele próprio, decerto, ficará contente!): «A Obra do Padre Américo não deixou de ter um local» onde a possa encontrar esta boa gente que nos ajuda a ser.

Que também Ele nos ajude, sempre, a merecer e a corresponder a esta solicitude com que somos amados.

Padre Carlos



Casa-mãe e refeitório da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

O egoísmo empobrece as pessoas

HOJE é domingo. O leproso, do Evangelho, falou muito alto. Jesus respondeu-lhe, em tom igual. A lepra, naquele tempo, era considerada doença de «bichos» humanos. Eram considerados imundos, impuros e não sei que mais. Ninguém podia aproximar-se deles. Impressionante!

O Evangelho de Marcos conta tudo como foi: «Um leproso veio ter com Ele (Jesus), caiu de joelhos e suplicou: — Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse: — Quero; fica purificado. Imediatamente a lepra deixou-o».

O leproso passou por cima de todas as leis e foi ter com Jesus. Acreditou. Jesus passou por cima de todas as leis e curou-o. Há-de ser assim, também, a nossa vida. A lepra, hoje, já não é doença incurável, sabemo-lo. Há, contudo, milhões de pessoas leprosas que morrem, porque não têm a quem recorrer, nem quem vá ao seu encontro com os remédios acessíveis. Quem fala da lepra pode falar de muitos outros males

que põem as pessoas de parte. Impressionou-me a cena do Evangelho, que não perde a sua novidade, à força de ser repetida. Por um lado, a coragem do leproso. Por outro lado, a coragem de Jesus. É com golpes de ousadia, nascida de convicções profundas, que muitos problemas, tidos como insolúveis, são resolvidos. Isto acontece no dia a dia. Que posso fazer? É a pergunta chave que nasce de uma inquietação interior. Sem ela a minha vida pode estar atacada de forte anemia. E penso que estou cheio de saúde.

Ontem, à noite, chega a nossa Casa uma mulher com sua filhinha muito doente, atacada de forte paludismo. Levá-la ao hospital seria mais fácil. Ficávamos livres de quaisquer preocupações. Mas a menina, a esta hora, estaria, por certo, morta no regaço da mãe. A Teresa tomou conta, chamou a Irmã Maria, puseram soro a correr com o quinino mais o complexo B. A nossa enfermaria foi o hospital. Foi acompanhada, toda a noite. Está viva, graças a Deus, debaixo do olhar terno da mãe.

Imagino a alegria do leproso, depois de ser curado. De igual modo, a alegria de Jesus. E porque é que a tua vida não goza a plenitude desta alegria? O egoísmo empobrece as pessoas e pode matá-las. O compromisso com os outros não é um apêndice da nossa fé. É uma dimensão constitutiva do nosso ser. Se não somos cristãos, nem temos

fé, pelo facto de sermos pessoas levamos o mesmo compromisso.

Visitei, ontem, a casa dum trabalhador, no bairro onde vive. Quer melhorar a sua casa, que a chuva entra pelo telhado. É importante querer melhorar a casa. Já consegui sair do círculo da miséria que amarra as pessoas a ponto de se conformarem com a situação degradante em que se encontram. Vamos ajudá-lo. No horizonte da habitação há montanhas de problemas. Não vamos fugir. Vamos fazer o que pudermos.

A matrícula na Escola continua. O início do ano lectivo está à porta. Estou a dar

P.^e José Maria de Vendas Novas

Continuação da página 1

Pobres às famílias mais carentes de Vendas Novas, alegrando-se, comungando e exultando com as obras deste seu seguidor.

O contacto com as Casas do Gaiato era frequente. Chegado a Paço de Sousa cumprimentava quem dirigia a Casa, rezava na Capela, junto à pedra tumular do seu amigo, e exclamava invariavelmente: — Agora vou vê-lo vivo por aí, nos rapazes, nas senhoras, nas escolas, nas oficinas e nos campos. Seguiu sozinho, embebido no esplendor da Obra patente na beleza natural que a envolve e no fogo sobrenatural que anima as pessoas comprometidas em lhe dar seguimento.

A esta Casa do Gaiato de Setúbal veio muitas vezes. Também aqui seguia ritual idêntico. Primeiro, a Capela onde está o Senhor! Com Ele, se encontrava de outro modo com Pai Américo, como lhe chamava. Depois ia ver tudo!...

Insistiu comigo, durante muitos anos, para que fôssemos fazer a nossa Festa a Vendas Novas. Sentia como poucos o peso apologetico da Obra da Rua.

Na cripta da sua Igreja Nova, construída com a audácia evangélica que o inundava, reunia a sua gente, em multidão, a aplaudir os gaiatos. No fim, sempre com comovente satisfação, fazia-nos servir uma lauta ceia. Os gaiatos eram também da sua família.

Até os rapazes criados em nossas Casa e estabelecidos em Vendas Novas lhe mereciam uma intimidade particular.

Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Viçosa, pediu que acolhesse dois pequeninos, abandonados pela mãe, que ainda crescem connosco. — Agora, tenho mais razões para vir cá, dizia-me comprometido.

A homilia da Missa do seu funeral foi a leitura da sua última vontade, escrita em 1998, em Fátima.

Dois aspectos me tocaram. Primeiro: «Não tenho nada.» Se algum dinheiro sobrar à minha morte seja dado aos Pobres!

Segundo: «O carro em que me desloco seja vendido e o resultado entregue aos meus sobrinhos directos, pois o primeiro carro que adquiri foi comprado com o dinheiro da venda de uma leira de terra da minha família».

Encheu-me a alma!...

Padre Acílio

conta de que muitas crianças continuam fora do circuito escolar. Boa parte delas não têm o registo civil. É neste campo que vai incidir mais a nossa acção. Queremos que frequentem a Escola juntamente com os nossos. Estou a falar do que se passa à nossa volta. Não podemos escolarizar todas as crianças,

mas atingir aquelas que estão mais afastadas. É uma alegria muito grande vê-las tomar os primeiros contactos com a Escola. É o início da subida na vida. Estamos a ajudar a construir a Angola nova. Vinde sempre connosco. Obrigado!

Padre Manuel António

Calvário

Continuação da página 1

criança paralisada que necessita de outrem para comer, fazer a higiene, ajeitar o leito, receber todos os cuidados e ver isto com clareza é possuir outra Sabedoria — a quem vem do Alto. Só por Ela se descobre que aquela actuação é mais importante que tudo o mais, porque é amor puro, desinteressado, sem resposta tantas vezes.

Os Apóstolos, profissionais de pesca, deixaram tudo e seguiram o Mestre pelos caminhos que Ele lhes indicou. Foi a Sabedoria divina que

lhes fez entender os paradoxos de Cristo na vida nova do Reino: «Quem se tornar pequeno é que é grande. Quem perde a vida, ganha-a. Quem morre, vive». Tudo ao contrário da sabedoria humana.

Mas aquela Sabedoria só se aprende na escola do Mestre. É dom de Deus a quem a Ele está aberto. Contudo poucos o estão. Os caminhos da Sabedoria só fazem parte do roteiro da vida de alguns homens.

Esta Menina cursou Direito e hoje tem o seu gabinete num Palácio de Justiça. Na sala de audiências é escu-

tada e acatada pelo seu saber. Nos dias de folga deixa lá a toga e os pergaminhos e vem até nós, irradiando satisfação, ajudar aos banhos das doentes acamadas. É feliz com isso e deseja que os outros o sejam igualmente.

E alguns com tantos diplomas, cursos, valorização pessoal, não são, não fazem, nem querem tornar felizes os outros.

Fala-se hoje muito nos novos ministérios da Igreja. Muitos os desejam. Mas são ministérios de mãos lavadas. Para servir os Pobres, sujando as mãos, não há ministérios nem ministros.

Oh, Sabedoria divina, quem se enmora dos teus encantos?!

Padre Baptista

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Bom entendimento entre Vicentinos e Municípios

FICÁAMOS CONTENTES quando, ao chegar, encontramos o rapazinho paralítico já deitado em novo quarto, quentinbo, na casa que lhe construímos. Estava a mãe a servir-lhe o almoço, na boca. — *Ele só quer comer dado por mim!* — desabafou ela, feliz. A mama com que criou o filho, deixou-o a saboreá-la para sempre. Sinal de boa mãe. Naquele dia, recordei as vezes que visitámos o doente nos dois barracos onde viveu (o frio e a chuva entravam à mistura nos buracos...).

Recordei, também, a alegria que sentimos na construção da casinha. Quando

as paredes já estavam no ar, chegou ordem de embargo da Câmara. Não havia projecto aprovado nem autorização oficial para levantar a moradia.

Pusemo-nos logo em campo. O Município ofereceu-se para elaborar o projecto da obra, já feita, e isentou a família de todas as formalidades legais.

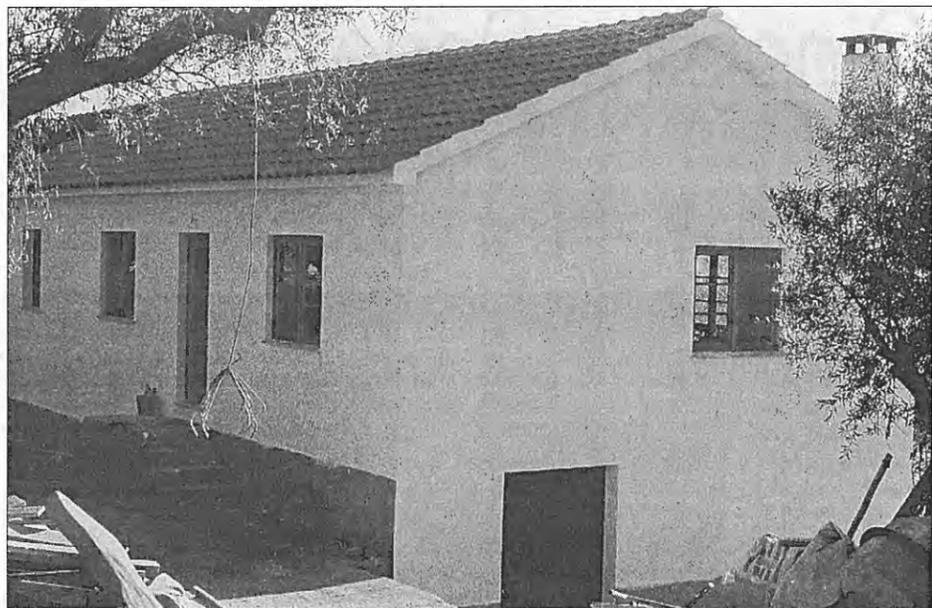
Logo que o projecto e a autorização da obra chegaram, recomeçámos a construção do prédio que, agora, nos encanta.

A CONFERÊNCIA Vicentina da terra informou

o Pároco da habitação miserável duma família. Ele pediu a nossa ajuda e fomos, serra acima, inteirar-nos, acompanhados dum cidadão.

Dois pequenos quartos e um quatinho de banho constituem toda a habitação. Para cozinha, e o resto do dia, serve uma cova funda, cavada no quintal. Tem carradas de razão a mãe que, já na casa nova, desabafa: — *Tanto frio que eu e os meus filhos apanhámos naquela cova funda!*

A Conferência, com a nossa ajuda, pediu um óbolo ao Município. Atenta-



Ocupação saudável para a família, que poderá aumentar.

mente, ofereceu muitos materiais. De uma fábrica de cerâmica, tijolo. Entregámos a mão d'obra a um empreiteiro que, em boa hora, começou e acabou o

trabalho. A moradia fica com três quartos, sala, cozinha, despensa e dois quartos de banho. Habitação saudável para a família, que poderá aumentar.

A ocupação do prédio foi um dia de grande alegria para todos eles e para os que deram as mãos e realizaram mais esta maravilha.

Padre Horácio

CHEGOU a nossa Casa a moda dos *télélé* como eles lhe chamam. Tem havido um ou outro, mas agora chegaram de vez: foi no Ano Novo que mais se difundiram, mas continuam. É um amigo que dá, uma pessoa conhecida que compra, um colega que se desfaz de um e compra outro, etc. Depois, vêm as consequências: é preciso, recarregar, pagar as mensalidades e, com isso, não se contava. A publicidade conseguiu enganar muita gente e os nossos miúdos, que também são gente, não ficam atrás.

Um dia destes apareceu, aqui em Casa, um rapaz que foi nosso há mais de quinze anos. Tem feito vida na hotelaria, nunca constituiu família, mas lá ia com a sua vidinha. De vez em quando lembrava-se de colocar algum dinheiro no Banco, mas simples como é, nunca lhe passou pela cabeça pedir um cartão multibanco. Até que um dia é a própria instituição bancária que lhe sugere as grandes vir-

Endividamento dos portugueses

tualidades do tal cartão... Claro que ele teve o seu cartão e tão contente ficou que foi tirando o que tinha e o que não tinha. Vinha em minha demanda para lhe pagar a dívida, dado que todas as semanas recebia cartas ameaçadoras da dita empresa bancária. Mais uma vez a publicidade e as facilidades a não mostrarem todos os engodos das situações e alguns a deixarem-se enredar, normalmente os mais pobres, mais simples e mais influenciáveis...

Ultimamente, os jornais têm dado à estampa notícias de endividamento dos portugueses que dão para pensar e parece que não são só

os Pobres que se deixam ir nas enganadoras promessas de vidas com estilo e estatuto.

Olhando para as televisões e os jornais perguntamo-nos como é possível tanta agressão por parte da publicidade, sobretudo de alguns produtos que dão a entender que, se não temos, não usamos ou não compramos, parecemos uns primatas dos tempos das cavernas para quem a modernidade não tem qualquer significado. Ficamos *out* e o que é certo é que toda a gente quer ser *in*.

Creio que foi no dia de S. João de Brito que me encontrei a reflectir sobre a questão do martírio. É verdade que existiram e existem os mártires que deram o seu sangue porque não quiseram adorar outros deuses. Hoje, esta dimensão do martírio está um tanto afastada da vida, reflexão e atitude de vida dos cristãos. Com tanta liberdade e liberalidade democráticas, passando por todos os graus de tolerância — onde se incluem mesmo as mais elementares faltas de educação — não nos passa pela cabeça sermos mártires, recusando adorar falsos deuses. Isto porque os deuses actuais não têm os nomes clássicos de bezerros, animais alados, estátuas de ferro, bronze ou pedra. São mais difíceis de identificar. Como que se misturam na vida das pessoas e se tornam seus conselheiros admiráveis até as escravizarem completamente. No entanto, identificados ou

não, eles aí estão com todos os seus fiéis adoradores criando uma idolatria generalizada. Terão nome, mesmo sem terem estátua? Estou em crer que os seus nomes são qualquer coisa como publicidade, carreira, consumo, gozar a sua vida, individualismo. Opor-se a estes deuses, não lhes prestar culto, significa muitas vezes um martírio diário que só o verdadeiro Deus conhece.

Um casal amigo explicava-me o ostracismo a que foi votado porque a esposa, com quatro filhos, decidiu deixar o emprego e dedicar-se ao seu papel de mãe. Naturalmente que o nível de rendimento baixou, aspectos exteriores de riqueza tiveram que diminuir; menos jantares sociais; menos saídas em todas as direcções. Para eles chegou o tempo do martírio, crucificados por uma sociedade que não vê para além do imediato.

Estou convencido que, no silêncio, muita gente se apercebe da idolatria a que está votada a sua vida. Mas não têm nem força nem coragem para enfrentarem que a estultícia reinante os apelide de tolos, só porque deixam a carreira à procura de nova vida marcada pelo selo d'Aquele Senhor Jesus que deu a vida por uma multidão e, também a Ele, Lhe chamaram de tolo.

Padre Manuel Cristóvão

MALANJE

Reflexão

NESTE fim de ano e passagem do Milénio veio-me ter às mãos a Carta Pastoral do Arcebispo de Milão: «Que Beleza salvará o Mundo?»

Na capa a Beleza da Santíssima Trindade representada pelo ícone das três Pessoas aparecidas a Abraão.

A visão de Beleza no cimo do monte foi tão deslumbrante e deu tanta felicidade aos três discípulos que esqueceram o carreiro sinuoso da descida e os

meandros dolorosos do mundo. Seduzidos pela Beleza, verdade e bondade de Deus, Pedro quer ficar ali mesmo e não mais descer: «É bom estarmos aqui».

Jesus, porém, desce com eles, sabendo que a Salvação iria acontecer pelo sofrimento e pela dor: «Homem das Dores».

Igualmente, sabendo que no meio dos homens está sempre presente a dor: doenças, guerras e fome.

Duas perspectivas na visão

do Tabor: Confirmação dos Apóstolos na Fé e na Esperança da felicidade que nos dará a visão de Deus.

O peso da história esmagados com suas guerras, ódios, injustiças e dores... Que Beleza? Sentimos desânimo e este nos amaranhará se não formos capazes de beber e compreender a lição da Cruz e da Ressurreição.

Somente esta Beleza com raízes na Esperança nos salvará. Só, de facto, esta realidade!

Urgente mostrá-la aos homens mergulhados na dor e traumatizados por tantos sofrimentos.

Não são tanto estes o grande obstáculo ao conhecimento e gozo da Beleza de Deus... Mais a nossa mediocridade, ambição pelas coisas terrenas, falta de generosidade e ausência dum sentido na vida que causou na alma um vazio profundo. Também como sentiremos a Beleza de Deus se, teimosamente, Lhe fecharmos a porta do nosso coração?

Somente, portanto, a nossa conversão e, depois, o caminho até ao Pai, que nos espera para nos dizer que a Beleza e a Felicidade são possíveis.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Eu não faço contas, nunca as fiz, não as quero — que estas são as contas dos que trabalham na Vinha do Senhor.

PAI AMÉRICO

ENCONTROS EM LISBOA

Uma carta inédita do Padre Américo

Continuação da página 1

têm aí o «Famoso». No referido pacote irá o último número, aonde vem em primeira mão a notícia da construção de um Bairro para os nossos rapazes que se casarem.

V. Rev.^{cia} deve salientar na Reunião que o nosso método e acção são eminentemente familiares. Nós somos a FAMÍLIA.

Temos: Paço de Sousa (Aldeia, 16 edifícios) com 180 gaiatos; Porto (Lar) com 30; S. João da Madeira (Lar) 15; Miranda do Corvo (Aldeia, 2 edifícios) 70; Coimbra (Lar) 20; Tojal (Aldeia, 3 edifícios) 80.

Os Lares são a extensão natural das Aldeias. Aí estão trabalhando e estudando em regime familiar em obediência aos seus chefes e zelados por uma «Mãe».

Diga tudo quanto o jornal tem dito e está tudo dito. Se nós tivéssemos dinheiro, quem iria era eu; mas nós precisamos de todos os cinco réis para dar de comer a quem tem fome; daí lhe venho pedir este favor.

Muitos recados deste mendigo a todos os Alunos do Colégio.

Creia-me irmão muito afectuoso em C. J. P. Américo!

PS.: Diga depois alguma coisinha à gente.»

N. da R. — Monsenhor Arnaldo é o Postulador do Processo de Pai Américo em Roma.

Com que amizade nos vai seguindo e com que paciência me vai aturando! Deus o compense.